

40 ANOS DA REVISTA PERSPECTIVA: RESGATANDO O PERCURSO DO ENSINO DE LÍNGUAS E LITERATURAS

40th anniversary of revista perspectiva:
retrieving the path of language and literature teaching

Ana Maria Dal Zott Mokva¹; Paulo Marçal Mescka²

¹ Mestre em Linguística (UFSC); Professora da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Erechim. Curso de Letras-Língua Portuguesa. E-mail: anamokva@uri.com.br

² Mestre em Língua Portuguesa (UFRGS); Professor da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Erechim. Curso de Letras-Língua Portuguesa. E-mail: mescka@uri.com.br

Data do recebimento: 03/08/2015 - Data do aceite: 17/08/2015

RESUMO: Existem fórmulas para as pessoas se tornarem leitores e escritores competentes? Esta, entre outras perguntas, pode encontrar respostas explícitas ou implícitas nas produções da área de Linguística, Letras e Artes, publicadas entre as décadas de 1975 a 2015, nos quarenta anos de história da Revista *Perspectiva*. Especificamente, neste artigo, elucida-se, nessa trajetória temporal, o ensino de línguas e literaturas, suas perspectivas e mudanças de paradigmas. Pesquisas, estudos, reflexões, socializados por pesquisadores e articulistas objetivam solidificar o bom conceito da revista e manter viva a necessidade de se aprimorar habilidades e competência nos aspectos linguísticos e literários. Numa perspectiva metodológica que associa o resgate sócio-histórico à análise de concepções teóricas e alternativas didáticas, este texto desafia o leitor a refletir sobre o processo evolutivo das ciências e o quanto a área contribui para a formação humana, acadêmica e profissional.

Palavras-chave: Ensino de línguas e literaturas. Resgate sócio-histórico. Habilidades e competências.

ABSTRACT: Are there formulae for people to become competent readers and writers? This, among other questions, can find explicit or implicit answers in the Linguistics, Letters and Arts area productions, published from 1975 to 2015, during the forty years of history of *Revista Perspectiva*. In this article specifically, within this time frame, the teaching of languages and literatures, their perspective and paradigm shifts are highlighted. Researches, studies,

reflections, socialized by researchers and writers aim to solidify the good reputation of the magazine and to keep alive the need to improve skills and competence in the linguistic and literary aspects. On the basis of a methodological perspective, which associates the socio-historical review to the analysis of theoretical concepts and pedagogical alternatives, this study challenges the reader to reflect upon the evolutionary process of science and how much the area contributes to human, academic and professional education.

Keywords: Language and Literature Teaching. Socio-cultural Retrieving. Competence and abilities.

Introdução

Cada novo período sócio-histórico-cultural nos traz novas concepções, novos paradigmas e, por extensão, novos olhares docentes e novas estratégias de aprendizagem no ensino de línguas e literaturas. Basta uma rápida retrospectiva e nos damos conta do quanto o modelo homogêneo e uniforme da gramática sacralizada foi, de forma progressiva e reflexiva, sendo substituído por um modelo heterogêneo e plurissignificativo, tendo o texto como objeto de estudo.

As práticas tradicionais de línguas e literaturas adotadas nas escolas, durante a década de 70, em pleno regime militar, voltaram-se à perspectiva da codificação e decodificação, ligadas à primazia dos cânones da gramática e dos clássicos literários, com um objetivo específico: classificar nomenclaturas e colocar em evidência as regras do bem falar e bem escrever, prescritas pela Gramática Normativa.

A própria Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 5692/71, instituída nessa época, mesmo considerando a disciplina de Comunicação e Expressão como núcleo comum em todos os currículos, estabelece a dicotomia entre língua e literatura, o que resulta em uma fragmentação de gramática, estudos literários e redação nas grades curriculares.

Nos anos 80, período da abertura política no cenário nacional, inicia-se uma verdadeira proliferação de transformações no que tange ao ensino de línguas e literaturas por meio de pesquisas da Linguística, da Análise do Discurso, da Psicolinguística, da Sociolinguística e da Pragmática, além das contribuições da Linguística Textual e da Estética da Recepção, ampliando consideravelmente a literatura da área. Novos pressupostos teóricos passam, então, a alicerçar a prática pedagógica, com uma perspectiva sociointeracionista de ensino, o que interfere, de modo significativo, nas práticas pedagógicas de leitura e escritura, em conformidade com estudos de Albuquerque (2006), Soares (1998), Geraldi (2001), entre outros.

Da visão puramente tecnicista, baseada em memorização de regras, a qual serviu de suporte para o ensino reprodutivo de décadas passadas, os novos fundamentos linguísticos e literários da década de 80 abrem espaço para um ensino produtivo, cujo foco passa a ser o desenvolvimento das habilidades linguísticas, o que podemos comprovar pelas palavras de Albuquerque (2006, p.11): “A década de 80 assistiu a um amplo desenvolvimento de pesquisas na área de Língua Portuguesa. Pesquisadores de diferentes campos – Psicologia, História, Sociologia, Pedagogia, etc. – tomaram como temática e objeto de estudo a leitura e a escrita buscando redefini-las”. É, pois, nesse contexto, que surgem os parâmetros norteadores das

teorias construtivistas e sociointeracionistas, considerando a língua não mais como mero instrumento de comunicação, mas, essencialmente, discurso, diante da assimetria autor-texto-leitor. Uma verdadeira “quebra de paradigmas” no cenário educacional.

As diferentes concepções de linguagem que embasaram a prática metodológica do ensino de línguas e literaturas em diferentes momentos sociais, históricos e culturais, desde a expressão de pensamento, dos anos 70, ou instrumento de comunicação, dos anos 80, até a concepção de que linguagem é recurso de interação dialógica, na década de 90, orientaram professores, órgãos que os representam, bem como centros universitários, para uma mudança de ótica e de postura, uma vez que o ensino conteudista e fragmentado que, por muito tempo, foi primazia no planejamento e na ação docente, precisou conceder espaço para práticas pragmáticas e enunciativas em sala de aula.

Justamente, nesse momento, é que documentos oficiais apresentam novas diretrizes para o ensino de línguas e literaturas, como, por exemplo, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), e, mais tarde, no ano de 2009, os Referenciais Curriculares, reforçando a necessidade de um trabalho contextualizado, no qual o texto passa a ser objeto de estudo, ressignificando as práticas linguística e literária como uma única disciplina e estabelecendo como prioridade o desenvolvimento de habilidades e competências, o que vai ao encontro das Diretrizes Curriculares de Letras, preconizadas pelo Parecer CNE/CES nº 492/2001 e pela Resolução CNE/CES nº 18/2002, p. 30:

O graduado em Letras, tanto em língua materna quanto em língua estrangeira clássica ou moderna, nas modalidades de bacharelado e de licenciatura, deverá ser identificado por múltiplas competências e habilidades adquiridas durante sua formação acadêmica convencional, teórica e prática, ou

fora dela. Nesse sentido, visando à formação de profissionais que demandem o domínio da língua estudada e suas culturas para atuar como professores, pesquisadores, críticos literários, tradutores, intérpretes, revisores de textos, roteiristas, secretários, assessores culturais, entre outras atividades, o curso de Letras deve contribuir para o desenvolvimento das seguintes competências e habilidades:

- a) domínio do uso da língua portuguesa ou de uma língua estrangeira, nas suas manifestações oral e escrita, em termos de recepção e produção de textos;
- b) reflexão analítica e crítica sobre a linguagem como fenômeno psicológico, educacional, social, histórico, cultural, político e ideológico;
- c) visão crítica das perspectivas teóricas adotadas nas investigações linguísticas e literárias, que fundamentam sua formação profissional;
- d) preparação profissional atualizada, de acordo com a dinâmica do mercado de trabalho;
- e) percepção de diferentes contextos interculturais;
- f) utilização dos recursos da informática;
- g) domínio dos conteúdos básicos que são objeto dos processos de ensino e aprendizagem no ensino fundamental e médio;
- h) domínio dos métodos e técnicas pedagógicas que permitam a transposição dos conhecimentos para os diferentes níveis de ensino.

A produção permanente de novos conhecimentos, embasada em saberes pedagógicos, a partir dos anos 90, e, mais ainda, no início do século XXI, passou a exigir dos professores de línguas e literaturas uma atenção redobrada às mudanças da sociedade e da educação e, especialmente, aos avanços tecnológicos.

A necessidade de formação dos professores, já preconizada por Comenius, em meados do século XVII, passa a ser, definitivamente, condicionante para um eficaz ensino em todos os níveis de escolaridade. Professor e aluno passam a se constituir, assim, sujeitos da aprendizagem, na qual o produto final deve ser a competência comunicativa.

Ao revisitarmos os artigos da área de Linguística, Letras e Artes, publicados desde a década de 70 até o presente momento, reunindo estudos, conferências, resenhas, discussões, investigações e resultados de pesquisas, na Revista *Perspectiva*, verificamos o quanto temáticas privilegiadas foram contempladas ao longo desses 40 anos, com uma preocupação evidente: contribuir para a formação continuada de professores de línguas e literaturas.

De acordo com Gatti (2003, p.196),

É preciso ver os professores não como seres abstratos, ou essencialmente intelectuais, mas como seres essencialmente sociais, com suas identidades pessoais e profissionais, imersos numa vida grupal na qual partilham uma cultura, derivando seus conhecimentos, valores e atitudes dessas relações, com base nas representações constituídas nesses processos que é, ao mesmo tempo, social e intersubjetivo.

Em respeito a este profissional que precisa, permanentemente, investir em sua capacidade intelectual, construindo, cada vez mais, sua identidade segura, competente e autônoma, levando em consideração a evolução dos princípios norteadores do ensino de línguas e literaturas e as mudanças de paradigmas, os artigos publicados na Revista *Perspectiva*, nessas quatro décadas, visaram, não apenas elucidar conhecimentos linguísticos e literários, mas provar o quanto é preciso o professor se constituir como sujeito dos saberes construídos e reproduzidos.

A Trajetória do Ensino de Línguas e Literaturas em Períodos Sócio-Históricos-Culturais

A trajetória da área de Linguística, Letras e Artes, nesses 40 anos de publicação da Revista *Perspectiva*, da então, Fundação Alto Uruguai para a Pesquisa e o Ensino Superior - FAPES, posteriormente, Centro de Ensino Superior de Erechim – CESE e, atualmente, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI-Erechim, acompanhou, não apenas as transformações e a progressão da instituição como, também, as mudanças de concepções e vertentes teóricas, resultado de estudos e, fundamentalmente, da paixão e comprometimento dos profissionais da área.

Os registros iniciais, da década de 70, mesmo que, de forma um tanto quanto incipiente, permitem-nos visitar produções de ícones da literatura por meio de resenhas. Resenhas estas que tratam de propostas pedagógicas, da relação entre linguagem e escola e o quanto interfere o fracasso escolar no aprendizado de língua materna. Ou seja, contribuem para o entendimento da crise da linguagem manifestada naquele período histórico. Temas preocupantes na época e que, mesmo após quatro décadas, ainda buscam respostas para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem.

Apesar de um lapso entre os anos 70 e 80, as publicações da área, nesta última década, trazem elucidaciones para o ensino de línguas estrangeiras, de modo relevante, Língua Inglesa. Questionamentos como: Qual o real sentido de se ensinar uma língua estrangeira no ambiente escolar? O ensino de línguas estrangeiras deve obedecer aos mesmos princípios das demais disciplinas? Ensinar uma língua transcende a relação emissor-receptor? O fator idade influencia na aquisição de uma

segunda língua? Como se ensina Inglês em um país de falantes nativos de Língua Portuguesa?, entre outras indagações, serviram de eixo norteador para contestações, análises, sugestões, alternativas e conclusões extraídas da prática docente, de leituras e de participação em eventos.

Se, naquele período, “as aulas de Comunicação e Expressão deveriam ser, sem exceção, dinâmicas” e se a língua era considerada “o veículo transportador dos anseios, desejos, aspirações e estado de espírito”, o que o professor poderia fazer, em suas aulas, para superar ditos comuns da maioria da população, tais como “sei Inglês, sei traduzir, mas não sei falar”? (ZAGO, 1985a, p.85 e 86)

Língua falada em “[...]55 países espalhados pelo mundo todo[...]”, considerando que “[...]1/3 das nações do mundo têm no Inglês seu importante meio de comunicação” (ZAGO, 1985b, p.112), desde sua obrigatoriedade em escolas de 2º grau e opcional nas de 1º grau, hoje, equivalentes a ensino médio e fundamental, respectivamente, a Língua Inglesa ainda é o idioma oficial das diferentes nações.

A inserção de Língua Inglesa no núcleo comum Comunicação e Expressão, de acordo com o prescrito na LDB 5692/71, fica evidente em seu artigo 7º: “Recomenda-se que em Comunicação e Expressão, a título de acréscimo, se inclua uma Língua Estrangeira Moderna, quando tenha o estabelecimento condições para ministrá-la com eficiência”. Porém, segundo estudiosos, mesmo que a intenção tenha sido a de valorizar o ensino de línguas, a redação no referido artigo minimizou a importância das línguas estrangeiras devido ao acréscimo do termo “condições”. Que condições são essas? Do aluno? Do professor? De infraestrutura da escola?

Soma-se à prescrição acima, o Parecer CNE/CES nº853/71, no qual identificamos uma mera recomendação e não obrigatoriedade do ensino de uma segunda língua:

Não subestimamos a importância crescente que assumem os idiomas no mundo de hoje, que se apequena, mas também não ignoramos a circunstância de que, na maioria de nossas escolas, o seu ensino é feito sem um mínimo de eficácia. Para sublinhar aquela importância, indicamos expressamente a “língua estrangeira moderna” e, para levar em conta esta realidade, fizêmo-la (sic) a título de recomendação, não de obrigatoriedade, e sob as condições de autenticidade que se impõem.

A superação da simples recomendação surge nos anos 90 com a Lei nº 9.394/96, a qual estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, tornando obrigatório o ensino de língua estrangeira a partir do início do ensino fundamental.

Além da ênfase às línguas estrangeiras, nessa década de 80, atendendo à formação acadêmica em Língua Inglesa, estudos literários constituem os exemplares, revelando inovação nos aspectos ficcional, de protagonismo, de movimentos internos, inclusive, no conceito de mulher em romances contemporâneos.

Em meados dos anos 90 e para fechar o século XX, mais precisamente no período de 90 a 93, percebemos que o Curso de Letras, sensível às demandas da área, define uma linha de ação para o ensino da Língua Portuguesa e da Literatura no primeiro, no segundo e no terceiro graus.

Essas propostas não são um receituário a ser seguido, nem uma relação de sugestões práticas. Objetiva-se, antes de tudo, estimular a leitura de fundamentos à reflexão, visando a uma mudança no ponto de vista e nas posturas em relação à língua, ao aluno e sobre o papel do professor para, assim, adequar suas práticas aos avanços linguísticos. A opção por essa linha de conduta, que consideramos a mais adequada, encontra respaldo nas teorias linguísticas contemporâneas para o

ensino de Português como língua materna. Por isso, o ensino não deve basear-se exclusivamente numa única teoria, uma vez que as diferentes concepções podem ser vistas como complementares.

No tocante ao ensino de Literatura, percebemos, explicitamente, uma crítica à prática do professor em sala de aula. A Literatura sofre, nesse período, um processo de escolarização, tornando-se alvo de discussões sobre como trabalhar o texto literário sem transformá-lo em pretexto para algumas noções gramaticais.

Para Komosinski (1990), no ensino médio, a sistematização de certos conceitos específicos da Teoria e Crítica Literárias precisam alcançar maior profundidade, exigindo-se do aluno um repertório mais amplo de leituras e o conhecimento da organização estética da obra literária. Enfatiza-se, também, que a leitura literária seja abordada na escola, tendo em vista as contribuições das teorias literárias, as quais, certamente, podem facilitar a interação do leitor com o texto. Afirma-se que alguns autores acreditam que as referidas teorias, embora sem contribuir diretamente para a prática escolar, influenciam bastante o contexto da sala de aula (LAJOLO, 1993).

Pelo que constatamos nos artigos publicados nesse período, a Língua Portuguesa e a Literatura têm o mesmo desafio de aproximar os avanços linguísticos e literários à prática pedagógica das escolas.

Diante dos avanços das Ciências da Linguagem e da Comunicação, a escola precisa reavaliar o papel da língua e da literatura dentro e fora da sala de aula, a fim de estreitar as relações entre professores, alunos e leitura, diferentemente de uma Literatura trabalhada como objeto autônomo, distante das interferências criativas dos alunos-leitores, visto que são preconizadas análises tradicionais que desmotivam a leitura por prazer e enfati-

zam a leitura como uma forma de obrigação, sempre atrelada aos exercícios escolares.

No espaço de tempo entre 1994 a 1997, os escritos seguiram uma demanda educacional, canalizando esforços para a prática da leitura. A problemática da leitura, no âmbito da escola, continua sendo uma questão atualizada, pois, nesse período, era indiscutível que a maior parte dos professores e alunos encontrava dificuldades na recepção do texto e no exercício crítico.

Pela leitura dos textos publicados na época, percebemos que essas dificuldades são consequências de uma tradição escolar em que ler se resume a uma atividade de perguntas e respostas únicas e “certas”, determinadas, antecipadamente, por um leitor onisciente. Esse procedimento conduz à prática da leitura na escola em um pedagogismo desvinculado do conteúdo sociocultural do leitor.

Diante dessa demanda, a Revista *Perspectiva* veicula vários artigos sobre concepções de leitura. Dentre elas, destacamos o artigo de Zago (1997) que, à luz de Peirce (1995), define leitura como uma habilidade perceptiva, uma vez que o leitor, no ato de ler, utiliza o canal visual como principal condutor à percepção. Assim, para que haja compreensão na leitura, é preciso que o escritor e o leitor respeitem um contrato de cooperação. Podemos dizer que o texto escrito é o instrumento pelo qual esse contrato é estabelecido.

Schneider (1993), fundamentada em Orlandi (1988), define leitura como um processo de “atribuição de sentidos” ao texto. Ela propõe que um dos papéis fundamentais da escola é tornar o educando competente tanto na leitura quanto na produção de textos escritos.

Por sua vez, Mescka (1990), em seu artigo, fundamenta leitura na concepção sociocognitivo-interacional de língua que privilegia os sujeitos e seus conhecimentos em processos de interação (KOCH, 1990).

Nessa perspectiva, percebemos que a leitura e a análise da comunicação devem ocupar lugar de destaque nas aulas de Língua Portuguesa, pois apreender a ler, muito mais do que decodificar o código linguístico, é trazer a experiência de mundo para o texto lido, fazendo com que as palavras tenham significado. Além disso, podemos dizer que, para formar bons leitores, é necessária, na escola, a leitura de textos por meio da ativação dos conhecimentos prévios que colaborem para a construção de sentidos: conhecimentos linguísticos, textuais, intertextuais, contextuais e de vida.

Acompanhando os registros, em uma progressão histórica e cultural, agora, já no novo século, marcado pela profusão de vozes dos discursos midiáticos e pela invasão das TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) em todos os setores, inclusive no educativo, percebemos que os artigos da *Perspectiva* seguem as inovações da nova era.

Ao contemplarem as habilitações em Língua Portuguesa, Língua Espanhola e Literaturas, os textos publicados entre as décadas de 2000 e 2001 dialogam com textos literários, fundamentos da Língua Espanhola e com a *Análise do Discurso*. Estudos comparativos entre produções literárias espanholas e a ação humana revelam o processo de desequilíbrio e aculturação de alguns povos, como, por exemplo, o indígena e o negro. Tamanha é a relevância desses temas que quinze anos se passaram e a polêmica se mantém, o que levou o MEC (Ministério de Educação e Cultura) a implementar a obrigatoriedade dos mesmos nas grades curriculares de todos os cursos de graduação, conforme Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008.

Em relação à Literatura Infantil, como campo privilegiado para o desenvolvimento das habilidades de ler e escrever, antes e depois da criança ingressar na escola, a partir de uma panorâmica da história da Literatura

Infantil e da situação desta na contemporaneidade, escritos revelam novas concepções, privilegiando-a como um instrumento pedagógico no processo de alfabetização sob um enfoque realista.

Com a mesma importância, estudos sobre a Literatura Marginal, sob o viés do que é arte e o que deixa de ser, sobre a contraliteratura ou paraliteratura, bem como pesquisas sobre “crônicas erexinenses”, no resgate da história literária, enriquecem as reflexões nesse período.

Ainda, nesse mesmo período, estudos que regem a conversação, sob o prisma da *Análise do Discurso*, põem em evidência as intenções comunicativas e o conhecimento partilhado, uma vez que o ato de produzir linguagem representa a própria produção de enunciados em diferentes momentos sócio-históricos.

Em uma análise crítica, as produções que marcam o início do novo século parecem ter uma característica específica: acompanhar a diversidade humana e cultural. Exemplo disso são os artigos que enfatizam os objetivos educacionais relativos às práticas de leitura e escritura em um processo dialógico e interativo, conforme afirma Martins (2005, p.74):

Por mais que se dose a pílula com métodos sofisticados e supostamente desalienantes prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade.

Promover a descoberta do aluno de sentir-se competente é uma das tarefas dos professores de línguas e literaturas. Isso é decorrente de uma ação profissional amparada por metodologias produtivas, criativas e desafiadoras e uma didática capaz de manejar teoria e prática com coerência e perspicácia. Justamente com a preocupação de destacar tais aspectos, a edição nº100 da *Revista Perspectiva*, no ano de 2003, dedica-se à área de Letras. Um verdadeiro presente para nós! Uma edição especial, com

muitos artigos e resenhas, resultantes de discussões iniciadas no Fórum das Linguagens, promovido pelo Curso de Letras e demais licenciaturas, no ano de 2002. Pesquisadores, estudiosos e articulistas de renome nacional e internacional colaboram com escritos sobre gêneros discursivos, teorias interacionista e sociocognitiva, autoria e intencionalidade, estratégias de leitura e produção textual, abordagens avaliativas de textos, inteligências múltiplas e habilidades linguísticas, métodos comunicacional, interativo e criativo no ensino de línguas, perspectiva psicanalítica dos contos de fadas, motivações intrínseca e extrínseca no ensino de Língua Inglesa, formação de professores de línguas estrangeiras e aspectos da Literatura Latinoamericana/Espanhola. Uma comemoração que marca tanto a história da revista quanto o percurso histórico do Curso de Letras na comunidade acadêmica, na sociedade local e nas esferas regional, estadual, nacional e internacional.

Assim como o Fórum das Linguagens deixa marcas positivas, em suas diversas edições, o Congresso Internacional das Linguagens, também promovido pelo Curso de Letras em parceria com as demais licenciaturas, ao longo dos anos, deixa transparecer a importância de absorvermos novas concepções, buscarmos novas alternativas metodológicas e assumirmos novas posturas para que ocorra uma transformação no processo educativo, tendo em vista a pedagogia da comunicação.

Uma outra edição especial para a nossa área foi a de nº 104, de 2004, pelo fato de socializar, de forma escrita e multidisciplinar, as palestras proferidas em Seminários do ensino de Língua Portuguesa, de línguas estrangeiras e das licenciaturas. Produções das mídias contemporâneas como alicerce de aprendizagem; trajetória da radiodifusão brasileira; releituras de obras e identificação da memória, do tempo e da história nos

processos de criação literária; uso da arte cinematográfica, da literatura e dos novos mecanismos tecnológicos nas aulas de línguas e sua eficácia na aprendizagem linguística; construção do sujeito na teoria da enunciação e representações literárias da opressão e da rebeldia constituem uma amostra de temas abordados que condicionam e ainda podem remodelar modos de pensar e posicionamentos crítico-reflexivos.

Mais uma vez, fruto de pesquisas, de estudos, de práticas didático-metodológicas, os artigos publicados em 2005, apresentam propostas de soluções para o processo de ensino e aprendizagem no que tange aos aspectos linguísticos e literários. Diferentes relações entre mídia e formação crítica cidadã, entre gêneros textuais e produção textual, entre suporte jornal e gênero opinativo, entre filosofias e obras literárias, entre Filologia e Linguística, entre habilidades comunicativas e livro didático, entre aspectos gramaticais e línguas estrangeiras, além de outras relações desafiadoras, alicerçam pressupostos teórico-práticos no contingente moderno.

As produções publicadas na revista entre as décadas 2006 a 2009 realçam o pensamento do poeta:

O meu olhar é nítido como um girassol
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascem deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do mundo...

(PESSOA, 1998, p.137)

Dito de outra forma, os artigos, ao divulgarem novos conhecimentos ancorados por clássicos saberes, servem de instrumento de análise, autoavaliação, autocrítica, criação e recriação, permitindo aos profissionais da área reconhecerem-se como docentes educadores na condição de eternos aprendizes. Temas inspiradores estruturam os escritos referentes ao ensino de línguas. De modo ilustrado, citamos: competência plirilíngue no desenvolvimento da consciência linguística e comunicacional; interação verbal; efeitos de sentido dos não-ditos em discursos; bilinguismo; discursos de suportes textuais e conceitos operatórios do feminismo crítico. Já no ensino de literaturas, encontramos estudos que dizem respeito aos seguintes temas: humor e ironia; o poder, o olhar e o discurso da linguagem em representações literárias; poesia africana de Língua Portuguesa; literatura e televisão nos programas de teledramaturgia; o espaço dos espaços nas obras literárias contemporâneas; leitura e formação do leitor no meio acadêmico; diálogos entre os gêneros textuais música e poema; Literatura em prosa no Brasil e na Inglaterra; narrativa fantástica, entre outros.

O leitor da *Perspectiva* tem, pois, nesses anos, a condição de ampliar e/ou alicerçar suas leituras e seus conhecimentos prévios a partir do olhar de girassol de Fernando Pessoa.

Para finalizar a trajetória percorrida por nossa área na *Revista Perspectiva*, em seus 40 anos de história e de marco significativo para as formações humana, acadêmica e profissional, nesses últimos anos, de 2010 a 2015, tivemos o privilégio de verificar que as produções são marcadas pela busca de novos conhecimentos para leitura, produção textual, estudos literários, aprendizado de línguas estrangeiras e ensino de gramática, o que demonstra a permanente preocupação com a eficácia no ensino de línguas e literaturas.

Apesar de todos os avanços, em pleno século XXI, ainda se questiona, e com frequên-

cia, sobre a compartimentação das aulas em gramática, redação e literatura e a ausência de um trabalho efetivamente interdisciplinar. Em resposta a tais demandas, encontramos vozes sugerindo que as práticas em sala de aula devam estabelecer um intercâmbio contínuo e dialético com as demais práticas sociais. Para isso, os autores assumem que a organização dos conteúdos, o planejamento e a implantação das atividades, a escolha de materiais e dos recursos didáticos, assim como a avaliação do ensino e da aprendizagem devem ser resultantes das concepções dos agentes no processo de ensino.

É assim que, pela leitura dos diferentes artigos publicados na revista, o leitor pode detectar a realidade da escola brasileira em seu estágio presente, podendo, ainda, vislumbrar a escola que se desenha com uma atuação, cada vez mais, consciente e científica de seus atores.

Com esse compromisso, há algum tempo, professores e estudantes do Curso de Letras, integrantes do Grupo de Pesquisa em Linguística e Letras da URI, vêm se dedicando ao estudo da ironia em textos escritos. Procurando contribuir para o avanço dos estudos literários, encontramos análise de aspectos correspondentes ao risível, à sátira, ao humor e à ironia, encontrados em obras literárias, como, por exemplo, Memorial do Convento. Na mesma linha, abordagens dramáticas apresentadas por autores ingleses são analisadas, tendo em vista a realidade das escolas inglesas na década de 1970, estabelecendo-se uma correspondência com a realidade do teatro nas escolas brasileiras.

Para atender às necessidades decorrentes de questões de ordem econômica, política e social, que exigem novas formas de comunicação num mundo globalizado, Confortin (2013) analisa o processo de aquisição de língua estrangeira por adultos. Ancorada em referências teóricas de estudiosos do tema e em seu conhecimento pessoal, apresenta

algumas reflexões sobre o comportamento e desempenho do adulto na aquisição de uma língua estrangeira, como é realizada essa aprendizagem e quais desafios devem ser vencidos no decorrer do percurso. Ensinar, pois, uma língua estrangeira para adultos é uma tarefa que exige preparo do professor em termos de formação linguística, metodológica e didática.

Desde meados da década de 1980, começa um forte questionamento sobre a validade do ensino de redação como um mero exercício escolar, cujos objetivos principais seriam apontar os erros cometidos pelos alunos. A escrita seria uma atividade com a linguagem em que, infelizmente, “Não há um sujeito que diz, mas um aluno que devolve a palavra que lhe foi dita pela escola” (GERALDI, 2001, p.127). A redação escolar passa a ser vista, então, como um “não texto”, pois, além de não apresentar, em muitos casos, determinados padrões de textualidade, suas condições de produção revelam produtos meramente escolares. Para contrapor essa prática, presenciemos um forte movimento, no final dos anos de 1980 e início dos anos de 1990, em que o texto é concebido como um lugar de interação verbal.

Com base em estudos como esses e ancoradas nos fundamentos da Linguística Textual, Mokva e Mello (2014) mapeiam procedimentos adotados na produção de textos dissertativo-argumentativos de vestibulandos da URI Erechim. A análise dos textos serve de suporte para o entendimento das concepções de leitura e da produção textual adotadas nas escolas da região.

Quando falamos em produção textual, não há como deixar de considerar o ensino da gramática no Brasil, visto, ainda hoje, como um dos grandes entraves para a formação do cidadão letrado. Os professores, em sua maioria, priorizam o ensino da gramática tradicional, conceitualista, em suas aulas. Os resultados são perversos. O estudante que

deveria sair da escola com sua competência comunicativa bem estruturada, leitor competente, preparado para exercer a cidadania, sai dela mal sabendo ler e escrever um pequeno texto com clareza e coerência. E, o pior, sai da escola odiando a sua língua.

Nossa opção é pelo ensino da gramática analítico-reflexiva. Ao contrário das gramáticas tradicionais que apresentam a língua como uma espécie de “prato feito”, em que tudo é previsível, ela fornece um método de ensino pioneiro que parte do conhecimento prévio do aluno para estimular a reflexão e a descoberta (CASTILHO e ELIAS, 2012).

Diante desse cenário, Mescka e Leidens (2014), iluminados pelos avanços das Ciências da Linguagem, comprovam, em decorrência dos resultados de suas pesquisas, a validade do ensino da gramática a partir de uma concepção reflexiva.

De forma adicional, artigos que focam a importância dos diferentes gêneros textuais objetivam aprimorar competências e habilidades leitoras. A exemplo, podemos destacar estudos feitos por Mokva, Confortin e Mello (2014), resultantes de práticas desenvolvidas com a arte cinematográfica, tão necessária para o deleite como para a criticidade, uma vez que incentiva o diálogo dos estudantes com imagens em movimento.

Se os artigos de Letras, pelo que depreendemos da leitura deste resgate histórico, servem de inovação para a prática pedagógica e alicerce para uma formação continuada, por que não transformar a leitura em conteúdo de vida?

Considerações Finais

Acreditar em uma formação acadêmica sólida pelos preceitos teóricos e pelas propostas didático-metodológicas dos professores universitários só se torna eficaz se associarmos, a estes, leituras de fundamentos teórico-

-práticos contemporâneos. Exatamente esta foi a preocupação da Revista *Perspectiva* pelo que acompanhamos nos artigos e resenhas publicados ao longo de suas quatro décadas de história.

Nesse percurso, ao ajudarmos acadêmicos a se tornarem seres pensantes, críticos e reflexivos e prepará-los para enfrentar diversas circunstâncias comunicativas, colocando em prática as habilidades de ler, compreender, interpretar, argumentar, persuadir, escrever,

criar e recriar, oxigenamos o nosso fazer docente e contribuímos com a prática educativa de egressos, professores e alunos da educação básica.

A área de Linguística, Letras e Artes, por trabalhar com o que caracteriza a essência humana, a linguagem, possui uma riqueza de temas, abordagens e olhares pelo que aqui socializamos. Uma área, portanto, de extrema relevância pois prepara o homem para a vida e para o mundo.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, E. B. C. **Mudanças didáticas e pedagógicas no ensino da língua portuguesa: apropriações de professores.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CASTILHO, A. T. de e ELIAS, V. M. **Pequena gramática do Português Brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2012.
- CONFORTIN, H. Aprendizado de língua estrangeira por adultos: reflexões necessárias. In: **Revista Perspectiva.** Erechim(RS), v.37, nº 140. Dezembro, 2013.
- GATTI, B. Formação continuada de professores: a questão psicossocial. **Cadernos de Pesquisa.** São Paulo, n.118, Julho 2003.
- GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 2001.
- KOCH, I. G. V. **A interação pela linguagem.** São Paulo: Contexto, 1990.
- KOMOSINSKI, L. M. G. Presença da literatura marginal. In: **Revista Perspectiva.** Erechim(RS), v.25, nº 89. Março, 2001.
- _____. Oswald de Andrade, modernismo e literatura nacional. In: **Revista Perspectiva.** Erechim(RS), v. 14, nº 45. Janeiro,1990.
- LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Ática, 1993.
- MARTINS, M. H. **O que é leitura.** São Paulo: Brasiliense, 2005.
- MESCKA, P. M. e LEIDENS, A. Ensino de gramática: para quê?. In: **Revista Perspectiva.** Erechim(RS), v.38, nº 144. Dezembro, 2014.
- MESCKA, P. M.. Proposta metodológica para o ensino da Língua Portuguesa. In: **Revista Perspectiva.** Erechim(RS), v. 14, nº 45. Janeiro, 1990.
- MOKVA, A. M. D. Z.; MELLO, F. S. de; CONFORTIN, H. Cinema nas escolas. In: **Revista Perspectiva.** Erechim(RS), v.38, nº 144. Dezembro, 2014.
- MOKVA, A. M. D. Z. e MELLO, F. S. de; Redação de vestibular: da avaliação à construção de conhecimentos. In: **Revista Perspectiva.** Erechim(RS), v.38, nº 144. Dezembro, 2014.

ORLANDI, E. **Discurso e leitura**. Campinas, SP: Cortez, 1988.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. **Referenciais Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul**: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Porto Alegre, 2009.

SCHNEIDER, M. A correlação entre a compreensão das categorias de coesão textual e a produção de textos escritos coerentes. In: **Revista Perspectiva**. Erechim(RS), v.17, nº 58. Junho, 1993.

SOARES, M. Concepções de Linguagem e o Ensino de Língua Portuguesa. In: BASTOS, Neusa (org.). **Língua Portuguesa: História, Perspectivas, Ensino**. São Paulo: EDUC, 1998.

ZAGO, N. O ensino de Inglês e seus problemas. In: **Revista Perspectiva**. Erechim(RS), v. 10, nº 33. Junho, 1985a.

_____. O ensino de Inglês (II). In: **Revista Perspectiva**. Erechim(RS), v. 10, nº 34. Setembro, 1985b.

_____. Semiótica e leitura. In: **Revista Perspectiva** Erechim(RS), v. 21, nº 73. Março, 1997.